

LUGAR, PODER E SUBVERSÃO EM *A CASA DO JUIZ*, DE BRAM STOKER: UMA LEITURA PÓS-COLONIAL

PLACE, POWER AND SUBVERSION IN BRAM STOKER'S *THE JUDGE'S HOUSE*: A POSTCOLONIAL READING

Ferdinando de Oliveira Figueirêdo¹

RESUMO

Esta pesquisa objetiva apresentar uma análise do conto *A casa do juiz* (1914), do irlandês Bram Stoker, pela perspectiva pós-colonial, cuja narrativa coloca em xeque questões direcionadas às dinâmicas de poder e aos efeitos do colonialismo. Centrada no estudante Malcolm Malcolmson, que chega a uma pequena cidade em busca de um lugar tranquilo para se hospedar, o personagem se instala em uma antiga mansão – temida pelos moradores da região –, onde viveu um notório juiz. Pela leitura proposta, pretende-se identificar o quanto a perspectiva de lugar influencia no processo identitário e na alocação do sujeito em condições de poder e subversão, aspectos elementares para a instauração do horror na obra. Nesse viés, a escrita de Stoker estimula a discussão de como o indivíduo desempenha o seu papel em determinar o seu *locus* de comando com base em suas experiências vivenciadas pela visão colonialista em relação ao Outro. O presente trabalho, portanto, constitui uma observação analítica do discurso narrativo enquanto produtor de percepções problemáticas acerca do espaço local e de sua visão como objeto privativo de autoridade e domínio próprio. Para tanto, autores como Bill Ashcroft, Gareth Griffiths e Helen Tiffin (1995, 2007), Thomas Bonnici (2000, 2005), Achille Mbembe (2001), Robert Johnson (2007), etc., foram singulares para a formalização deste trabalho, cujos resultados estão voltados para o conflituoso contato que permeia as relações colonizador/colonizado ilustrado no conto e a potencialidade da produção literária em expor o lugar como um agente complexo na identificação no comportamento dos envolvidos no panorama colonial.

Palavras-chave: Lugar, poder, subversão, pós-colonialismo.

ABSTRACT

This research aims to present an analysis of the short story *The Judge's House* (1914), by Irish author Bram Stoker, from a post-colonial perspective, whose narrative questions the dynamics of power and the effects of colonialism. Centered on the student Malcolm Malcolmson, who arrives in a small town in search of a quiet place

¹ Doutor em Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual da Paraíba (PPGLI-UEPB). Professor da Universidade de Pernambuco - UPE Campus Petrolina. E-mail: ferdinando.oliveira@upe.br
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3431709795441810>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5546-8650>

to stay, the character takes up residence in an old mansion - feared by the locals - where a notorious judge once lived. Through the proposed reading, the aim is to identify how the perspective of place influences the identity process and the allocation of the subject in conditions of power and subversion, elementary aspects for the establishment of horror in the work. In this respect, Stoker's writing stimulates the discussion of how the individual plays his role in determining the *locus* of command based on his experiences of the colonialist view about the Other. Therefore, this paper is an analytical observation of narrative discourse as a producer of problematic perceptions about the local space and its vision as a private object of authority and dominion. To this purpose, authors as Bill Ashcroft, Gareth Griffiths and Helen Tiffin (1995, 2007), Thomas Bonnici (2000, 2005), Achille Mbembe (2001), Robert Johnson (2007), etc., have been instrumental to formalize this study, and the results focus on the conflictual contact that permeates colonizer/colonized relations illustrated in the short story and the potential of literary production to expose place while a complex agent in identifying the behavior of those involved in the colonial context.

Keywords: Place, power, subversion, postcolonialism.

Introdução

Narrativas centradas no horror e no comportamento humano diante do estranho. Assim se desenvolveu a literatura de Bram Stoker, escritor irlandês que viveu entre 1847 e 1912 e que, até os tempos atuais, representa um grande nome do imaginário gótico por apresentar ao mundo o famoso conde vampiresco no romance *Drácula* (1897). Esse interesse em trazer um universo assombroso e tenso em sua produção se expandiu não somente nesse e em textos amplos em sua construção, como *Os sete dedos da morte* (1891) e *A joia das sete estrelas* (1903), mas também nas narrativas curtas, cujo enfoque esteve na influência do cenário externo e de seus elementos sobre o indivíduo, como em *O hóspede de Drácula*, *A profecia da cigana* e *A casa do juiz*, ambos publicados em 1914. Somou-se a isso a insistente preocupação do autor em abordar a fronteira entre a vida e a morte, evidenciada em parte dos enredos.

Se o gótico na literatura tem como proposta ilustrar o inexplicável e o sobrenatural em seu desenvolvimento ficcional, Stoker é um representante particular sobre essa temática, cuja atenção a este estilo, provavelmente, seria proveniente da infância do autor, que teve uma exposição interna à companhia de sua mãe, Charlotte Thornley, pelas narrativas orais contadas por ela durante a epidemia de cólera na

Europa entre 1846 e 1860 (Hopkins, 2007). Anteriormente a essa época – mais especificamente no século XVIII –, o gótico se tornou uma categoria destinada àquilo que é diferente do que se pressupõe como civilizado ou lógico, mas que, em sua realização, compreendeu como o local de luta discursiva entre culturas a fim de descartar o diferente daquele que pensa como superior ao Outro.

Em conjunto a essa discussão, integra-se a teoria pós-colonial, perspectiva dos Estudos Culturais que oferece uma abordagem de produtos artísticos em vista do colonialismo que os circunda. No caso do texto literário, essa visão é revelada na análise representativa dos elementos textuais pela sua aderência dos valores coloniais ou, então, uma crítica ao sistema gerenciado pela colonização, sobretudo na condição imposta ao Outro enquanto colonizado.

Dentre os aspectos a serem observados na obra literária, o lugar significa uma ferramenta de investigação no que se refere às condições dos sujeitos e no desenvolvimento textual, de modo que, no cenário local, possibilita-se um encontro de fatores culturais, a exemplo da história, a língua e o meio ambiente, com base nas vivências e na relevância que o espaço ocupa para a definição comportamental e identitária dos indivíduos (Ashcroft, Griffiths e Tiffin, 2007). Assim, a análise do lugar na literatura pós-colonial não apenas evidencia os traços do legado colonial, mas também revela como os sujeitos ressignificam esses espaços em narrativas de resistência e reconstrução identitária.

A partir dessas proposições, a proposta deste estudo é ilustrar como a ótica pós-colonial atua como uma estratégia efetiva na interpretação do conto *A casa do juiz* que, em sua narrativa, explora temas como a alteridade, as dinâmicas de poder e os efeitos persistentes do colonialismo. Pelo entendimento do lugar como influente para esta análise, subte-se que Stoker demonstra o quanto a influência das ideologias coloniais, a representação dos habitantes locais e a busca pelo exótico auxiliam para o desenvolvimento implícito da narrativa em meio a um cenário imperial e os efeitos persistentes em sociedades afetadas pela estrutura organizacional e, concomitantemente, problemática de controle e subversão.

O lugar na teoria pós-colonial e a literatura

Segundo os teóricos Bill Ashcroft, Gareth Griffiths e Helen Tiffin (2007), a concepção de lugar associada aos Estudos Pós-coloniais assume uma preocupação nos discursos culturais de uma sociedade a partir de quando a intervenção da supremacia colonial perturba profundamente os modos de sua representação. Na literatura, essa interferência pode incomodar o sentido de lugar de muitas formas, como a imposição de um sentimento de deslocamento nos indivíduos que se mudaram para as colônias, a alienação de povos colonizados por meio de migrações forçadas ou da escravidão e, ainda, na representação conflituosa do lugar na colônia ao instituir o idioma colonial. Com efeito, o colonialismo traz uma sensação de deslocamento entre o ambiente e as expressões culturais integradas pela autoridade colonial e, em consequência, produz divergências entre o lugar vivenciado e as condições do sujeito.

O imperialismo, nesse caso, foi a política pela qual a colonização se tornou uma peça atuante na formação territorial do mundo e, principalmente, na movimentação do homem em diferentes locais pelos fatores interferentes anteriormente mencionados. Entende-se que, para alguns países europeus, como Espanha, Inglaterra e Portugal, “[...] a condição de potência implicava a necessidade de ter colônias, protetorados, bases navais em todos os continentes [...]” (Bruit, 1987, p. 14), com o intuito de garantir estabilidade econômica e, da mesma forma, expandir seus traços culturais, políticos e sociais para garantir a segurança estatal enquanto potências globais.

Dentre as estratégias empregadas pelo poder colonial para manutenção da supremacia, a força militar e econômica constituiu um mecanismo que permitiu que o colonialismo pudesse estabelecer as suas percepções do lugar como dominantes, e o modo de representação cultural, verificado no texto literário, efetuou a imagem de maior alcance ao estabelecer o lugar como um local particularmente complexo de envolvimento colonial. Por isso, afirma-se que o regime de colonização é verificado como um cenário de alienação e autoritarismo.

Nesse caso, a situação imposta por esse tipo de governo impede a formação de maneiras viáveis de vida social e cultural a ponto de criar uma dependência psicológica do indivíduo colonizado envolvido por sentimentos de dominação, inferioridade e preocupação (Richards, 2010). Logo, o regime colonial não apenas controla os recursos e estruturas externas, mas também compromete a autonomia

subjetiva dos colonizados, o que afeta profundamente sua percepção de identidade e pertencimento.

Em meio à construção literária, a questão do lugar é um debate possível, sobretudo quando se considera os textos produzidos em (ex) colônias. Na produção de Stoker, essa temática é frequente, a exemplo de sua obra-prima *Drácula*. O romance apresenta a trajetória do advogado inglês Jonathan Harker, que parte em viagem de Londres para a Transilvânia com o propósito de levar informações sobre uma propriedade inglesa obtida pelo conde.

Na referida narrativa, expõe-se o diário de Jonathan, cujo relato é centrado na sua trajetória até o castelo. Porém, o leitor tem acesso às descrições locais de maneira limitada e constituída de estereótipos. Nesse sentido, a região dos Cárpatos – localizada na Ucrânia – é uma amostra do quanto isso é evidente ao descrevê-la como “[...] selvagem, inexplorada e desconhecida” (Stoker, 2017, p. 19-20). Analisa-se, assim, que a identidade nacional de Jonathan como homem inglês é atuante a partir de quando ele indica sua ida ao desconhecido e, com um caráter metafórico, atribui a *Drácula* a parte hermética do sujeito que deseja explorar os elementos que almeja e, ainda, o teme pela alteridade que o constitui.

Isso é bastante similar com a realidade que permeou a colonização britânica sobre a terra natal de Stoker, isto é, a Irlanda. Considera-se que, no início do século XIX, os colonizadores ingressaram em uma espécie de “mundo estranho”, onde, muitas vezes, não havia quaisquer garantias de subsistência ou segurança. Em oposição, os fatores de “impulso” foram certamente fortes o suficiente para induzir alguns a abandonar a sua terra natal, que incluíam a industrialização, os efeitos da fome na Irlanda, a pobreza rural de longo prazo em todo o Reino Unido e uma população em expansão.

Por sua vez, o apoio governamental à emigração para alguns – como o Canadá – foi restrito após 1815, quando foi concedida passagem gratuita a 6640 colonos da Inglaterra, Escócia e Irlanda (Johnson, 2003). Tal controle seletivo refletia interesses econômicos e políticos do Império, cujo ato revelou como a mobilidade populacional era estrategicamente regulada para atender às demandas coloniais de povoamento e exploração territorial.

No entanto, como enfatiza Achille Mbembe (2011), não pode haver sociedade sem lugares e espaços onde as ideias de autonomia e representação possam se expressar publicamente, surgir sujeitos jurídicos que desfrutem de direitos e capazes de se libertar da arbitrariedade tanto do poder como do grupo primário, ou seja, família, tribos, etc. Nesse sentido, a ideia é compreender como cada um dos envolvidos no processo colonial – colonizadores e colonizados – se comportam perante essas relações e como o espaço é influente na produção de divergências, em especial em como eles lidam com o Outro como não-pertencente à sua percepção de cultura e identidade.

Em *A casa do juiz*, Stoker demonstra a que nível o local significa um aspecto particular para a interpretação dos modos como os indivíduos percebem e tratam os elementos e características que dizem respeito ao Outro e, a partir de então, entender como o conceito de “lugar” é explorado na narrativa. Alguns estereótipos existentes no texto são fundamentais para imaginar os meios como o sistema colonial inglês é uma potência não somente política, mas de afirmação da diferença a ponto de manter consciente o princípio de hierarquia e submissão. Isso é proveniente da potencialidade mundial que a Inglaterra assumiu pela sua expansão colonial, caracterizada pela “[...] necessidade de ter colônias, protetorados, bases navais em todos os continentes [...]” (Bruit, 1987, p. 14). Isso fortalece a percepção de que o colonialismo nunca foi realmente capaz de conciliar a discrepância e a identidade, ou o particular e o universal, perspectiva oriunda de suas raízes históricas.

A casa do juiz, de Bram Stoker

Em *A casa do juiz*, a narrativa foca no personagem Malcolm Malcolmson, um estudante que decide viajar sozinho para um local onde ele pudesse se dedicar tranquilamente aos estudos, de modo que estava próximo o período de prova que ele iria se submeter. Após chegar na pequena cidade de Benchurch, ele sai em busca de um lugar isolado para se hospedar e evitar abstrações: “Quando a data do exame foi se aproximando, Malcolm Malcolmson resolveu procurar algum lugar no qual pudesse estudar sozinho” (Stoker, 2018, p. 25). É a partir da escolha desse ambiente recluso que se formará a atmosfera gótica no texto, caracterizada por uma tensão crescente entre razão e forças sobrenaturais.

Ao longo de sua procura, Malcolmson encontra um antigo casarão anteriormente habitado por um juiz temido pela população devido às rígidas sentenças decretadas por ele. No conto, indica-se que havia uma crença popular de que haveria algo sobrenatural no imóvel e, por isso, desde a morte do magistrado, nunca mais fora ocupada. Mesmo assim, Malcolmson se hospeda no casarão, mas, no decurso narrativo, ele é perturbado constantemente por uma ninhada de ratos, em especial, por uma imensa espécie que, futuramente, ele descobriria ser a personificação do juiz. Como a obra apresenta (Stoker, 2018), o estudante decide enfrentar o animal, mas é derrotado, o que ocasiona a sua morte.

No referido texto, é predominante o tom macabro devido ao aspecto sobrenatural que circunda a obra. Todavia, diversos elementos e situações podem ser consideradas pelas lentes pós-coloniais. A primeira delas está na própria representação identitária do protagonista evidenciada pelo nome “Malcolm”, uma provável referência ao rei escocês Malcolm III, que governou a Escócia entre 1058 e 1093. De acordo com Jenny Wormald (2005), o reinado do monarca obteve um destaque significativo para as batalhas territoriais que permearam a Europa, uma vez que ele almejava conquistar o norte da Inglaterra, mas não conseguiu tamanho êxito. Logo, sugere-se que a postura do personagem em querer ocupar a mansão expressa uma estrutura simbólica da postura colonial, porém, antagônica à metrópole inglesa pela representação local e histórica que circunda o nome do estudante.

Da mesma forma, o sobrenome do personagem, “Malcolmson” [do gaélico *MacChaluim*, que significa “filho de São Columba”], é uma importante indicação à cultura e história escocesa, já que São Columba foi um grande missionário cristão na região durante o século VI. O texto, por sua vez, não se limita a conceder destaque ao território colonizado, em vista de que o cenário escocês, juntamente com a Irlanda, constituiu de espaços que o imperialismo britânico se expandiu pelo número de áreas comerciais implantadas nesses países.

Por tal perspectiva, o personagem, enquanto um elemento representativo da Escócia – este um lugar de expressão cultural –, indica uma estratégia própria da literatura pós-colonial em desenvolver ou recuperar uma relação de identificação apropriada entre o eu e o lugar, de modo que, para Ashcroft, Griffiths e Tiffin (2007), é dentro dos parâmetros locais que o processo de subjetividade pode ser conduzido.

Portanto, o vínculo entre o sujeito e o espaço se torna fundamental para a construção de uma identidade que resiste às imposições hegemônicas, a fim de promover uma revalorização das experiências e memórias locais como forma de afirmação cultural.

Outra provável interpretação dos nomes integrados na narrativa está em Benchurch, cidade onde se passa o conto. O termo pode significar uma abreviatura de Benjamin Church, colono norte-americano suspeito por ter contribuído para a coroa britânica ao deletar informações do plano colonial dos Estados Unidos contra a Inglaterra no século XVIII, cuja ação o denominou como traidor (Nagy, 2013). Nesse sentido, tal representação aprofunda ainda mais esta leitura, pois, ao fazer uma relação com o texto, pode-se realizar uma associação funcional da possível “tranquilidade” esperada pelo personagem na cidade e o desempenho de Church: ambos aparentavam favorecer os seus interessados – Malcolmson, ao desejar um lugar sereno pessoal em *A casa do juiz*, e Church, no processo de independência norte-americana –, mas, no final, ambos se prejudicaram.

Além disso, é importante considerar a própria denominação do imóvel enquanto a “casa do juiz” pela comunidade, o que opera uma instituição de controle semelhante àquela executada pelo poder colonial. Observa-se, assim, o seguinte trecho do conto:

A senhora contou que a habitação era assim chamada na região porque muitos anos antes — ela não saberia precisar quantos, pois era de outra parte do país, mas acreditava que a história tivesse mais de cem anos — fora casa de um juiz que inspirava grande terror por conta de suas duras sentenças e sua hostilidade aos prisioneiros nos Assizes² [...] (Stoker, 2018, p. 27).

Examina-se, acima, que Malcolmson se torna um ser ciente da dinâmica de poder que existe entre a casa e os cidadãos e que, em consequência, ele também se tornará uma peça envolvida nesse panorama. Pela ótica pós-colonial, o imóvel representa um lugar de autoridade e controle. Para Ashcroft, Griffiths e Tiffin (1995), textos que operam uma conjuntura dos efeitos coloniais expressam uma identificação entre o sujeito e o lugar, porque é precisamente dentro dos limites locais que o

² Os assizes eram uma modalidade de tribunal realizada periodicamente na Inglaterra e no País de Gales até a primeira metade da década de 1970.

processo de subjetividade pode ser conduzido, além de ultrapassar a percepção de uma mera construção visual para uma espécie de “fundamento do ser”.

Adiciona-se a esta leitura uma observação sobre a representação dos habitantes locais. Identifica-se que eles são retratados como pessoas sem instrução e supersticiosos, o que reforça os estereótipos coloniais. A partir de quando Malcolmson rejeita as advertências dos moradores devido ao seu reconhecimento racional, revela-se um comportamento semelhante da superioridade ocidental e a necessidade de civilizar o Outro. Na continuidade do diálogo entre o estudante e a sra. Witham, esse confronto de opiniões se torna visível, como exposto a seguir:

— Na minha opinião, é ruim que o senhor, além de tudo um jovem cavalheiro, se me perdoa dizer, vá viver lá sozinho. Se fosse meu filho, e o senhor me desculpe dizer, você não dormiria lá uma noite, nem que eu tivesse que entrar lá sozinha e arrancar o sino lá de cima.

[...] Ele disse o quanto agradecia pela atenção dela, e acrescentou:

— Mas, minha cara sra. Witham, a senhora não precisa se preocupar comigo. Um sujeito que está estudando para os exames de matemática da universidade tem muito o que pensar para se atormentar com essas “coisas” misteriosas, e meu trabalho é de natureza muito precisa e prosaica para permitir que um recanto do meu espírito oculte qualquer tipo de mistério (Stoker, 2018, p. 27-28).

No que diz respeito ao fragmento anterior, pensa-se que a ideia do lugar ser um espaço mal-assombrado é uma percepção pertencente ao aspecto cultural da região, de maneira que, após Malcolmson narrar alguns incidentes que envolviam a corda de um sino existente na casa, o médico da cidade, o doutor Thornhill, estabelece uma relação com o antigo juiz, ao afirmar: “— É — disse o médico lentamente — a mesma corda que o carrasco usava para as vítimas do rancor judicial do juiz” (Stoker, 2018, p. 40). Isso sugere a aliança implícita que há em uma cultura nacional de um povo, uma vez que, como explana Stuart Hall (2006, p. 59), “[...] uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional”. Desse modo, Malcolmson, enquanto um estrangeiro, sente-se deslocado ao não aceitar as percepções dos moradores sobre o imóvel, postura própria do sujeito colonial.

É importante salientar que a própria estruturação da casa remete a uma amplitude da autoridade que o juiz ocupava na região, o que enfatiza a intimidação gerada pelo controle que o personagem exercia sobre os indivíduos:

Era uma casa velha, desconjuntada, em pesado estilo jacobino, com torres e janelas muito grossas, estranhamente pequenas e mais altas do que de costume, cercada por um muro largo e altíssimo de tijolos. Na verdade, examinando melhor, parecia mais uma fortificação do que uma moradia comum. Mas todas essas coisas agradaram a Malcolmson. ‘Eis o lugar que eu estava procurando. Se eu puder ficar aqui, serei feliz’, pensou ele. Sua alegria aumentou ao se certificar de que não havia ninguém morando ali (Stoker, 2018, p. 26).

Da mesma forma, essa construção física dialoga com os regimes autoritários que os colonizadores impuseram sobre os nativos ao longo do imperialismo. No trecho anterior, é evidente o quanto a construção física, consolidada e, até então, desabitada da casa, atrai o protagonista. Há de fato, uma postura de alteridade e exotismo por parte de Malcolmson, pois, ao optar por morar na casa remota – apesar dos avisos dos moradores locais acerca de sua reputação assombrada –, a decisão dele pode ser interpretada como um desejo de experimentar algo diferente, ou seja, fora dos limites familiares da sua própria cultura.

Com efeito, entende-se essa busca pessoal do exótico como uma forma de colonialismo, o que indica a tendência dos colonizadores de procurarem e explorarem o desconhecido para os seus próprios fins. De certo modo, essa exploração “[...] já implica na existência de um centro, dotado de autonomia e hegemonia, que reconhece a existência de outros que são diferentes dele, mas periféricos” (Bonnici, 2000, p. 68). Assim, a relação com o incomum reforça a lógica de dominação e alteridade, na qual o Outro é constantemente definido a partir da perspectiva do centro colonizador, o que serve como objeto de apropriação simbólica e material.

Pela leitura pós-colonial, pode-se empregar o que Thomas Bonnici (2005, p. 28, grifo do autor) aponta sobre o processo de habitação do colonialismo: “[...] a colonização, a interação entre a civilização e o povoamento, transforma o *espaço vazio* em *lugar* onde o teatro da história acontece”. Nesse caso, é viável pensar que é pela ocupação simbólica de domínio colonial exercida por Malcolmson que o enredo

adquire sua progressão até o clímax da narrativa. Daí, a neutralidade do ambiente, agora invadido, é anulada para a esfera identitária e conflituosa que se dará no conto.

Posteriormente, apesar de Malcolmson ter o lugar como uso próprio para seus objetivos pessoais, o poderio inerente do juiz é evidentemente exposto quando o estudante descobre o retrato do magistrado, cujo olhar rígido simboliza o controle do colonialismo. Essa presença constante do personagem por meio da pintura significa o quanto a autoridade colonial continuar a exercer influência aos que estão submetidos a esse regime, mesmo após o seu declínio indicado pela morte:

Era o retrato de um juiz vestido com uma toga escarlate debruada em arminho. Seu rosto era forte e impiedoso, mau, astucioso e vingativo, com uma boca sensual, nariz adunco avermelhado, com a forma de um bico de ave de rapina. O restante do rosto tinha coloração cadavérica. Os olhos apresentavam um brilho peculiar e uma expressão terrivelmente maligna. Ao olhar para eles, Malcolmson sentiu um calafrio, porque percebeu se tratar de uma duplicata exata dos olhos do grande rato (Stoker, 2018, p. 43).

Não apenas o retrato é um fator representante do controle colonial, mas o sobrenatural é amplificado pelo rato, ser esse que possui características semelhantes ao juiz a ponto de perturbar Malcolmson e, no final da obra, contribuir para a morte do protagonista por enforcamento (Stoker, 2008). É necessário atentar para a escolha narrativa em atribuir tal condição identitária a esse animal, especialmente pela sua caracterização física: um ser pequeno e ágil que pode se locomover em todos os ambientes da casa, o que é um indicativo da contínua presença e vigilância do antigo proprietário sobre seus habitantes.

Da mesma maneira, as ideologias e hierarquias coloniais são fixadas a fim de persistirem e formarem as vidas dos que estão sobre as ordens do colonialismo, bem como daqueles que ainda dependem dos resquícios coloniais de regiões anteriormente colonizadas, como a linguagem e a cultura, aspectos influentes no cotidiano dos nativos. Em *A casa do juiz*, identifica-se uma disputa de posse entre o antigo proprietário e o estudante pelo lugar, de forma que as intenções subversivas entre os personagens são constantes em toda a narrativa.

Então, no texto em estudo, ilustra-se a problemática na condição das relações coloniais, que “[...] não envolvem apenas a imposição de uma cultura sobre outras, mas antes a luta num espaço mutante que dá margem a todo tipo de dominação, e ao

mesmo tempo, gera a possibilidade de deslocamentos e subversões (Coutinho, 2012, p. 5). A narrativa, de fato, evidencia não apenas os mecanismos de controle colonial, mas também os espaços de resistência e reconfiguração identitária que emergem das tensões entre culturas em constante negociação.

Apesar disso, Malcolmson não consegue superar o autoritarismo colonial exercido pelo magistrado na casa que, mesmo após a morte, domina o lugar pelo qual o estudante estava hospedado. O fim trágico do estudante – motivada pelo antagonista – é um traço da disputa de domínio entre os sujeitos coloniais pela posse de áreas para sua autossustentação com o propósito de estabelecer a autonomia e o controle sobre os que constituem a dinâmica colonial, reunidos de maneira emblemática pelo lugar, tal como no referido conto de Stoker.

Considerações finais

O irlandês Bram Stoker, em *A casa do juiz*, trouxe novamente a discussão dos valores que circundam a dinâmica colonial na representação dos sujeitos e nos conflitos provenientes na disputa do espaço que, de certa forma, influenciaram na construção dos personagens envolvidos. Embora o conto tenha empregado a atmosfera gótica como pano de fundo para sua composição narrativa, foi provável compreender o processo metafórico existente nas visões discriminatórias do personagem Malcolmson acerca das percepções culturais dos habitantes em favor de sua racionalidade, assim como a hostilidade entre ele e o juiz – este pela esfera fantástica e sobrenatural – como elementos que remeteram ao comportamento e contexto que integraram as relações coloniais. A região e, em particular, a casa, foram locais que amplificaram a interpretação de aspectos sinalizadores a esse confronto dos envolvidos no cenário colonial.

Por conseguinte, a teoria pós-colonial ofereceu uma base singular para interpretar as relações de poder e subversão que o local instaurou na narrativa, no sentido de que o lugar consistiu em um elemento de alocação de culturas que conviveram entre si em um processo de busca de se sobreporem a partir dos conceitos e valores que as formam. Assim, o conceito de lugar acionou uma organização que envolve a cultura, a história, a linguagem e outros elementos, mas que se encontram imersos em um contexto de luta e influência discursiva do colonialismo.

Portanto, a análise proposta na obra de Stoker contribuiu em oferecer um olhar que desvelasse as questões coloniais que, de alguma forma, se tornaram influentes para a determinação dos personagens envolvidos, sobretudo no comportamento e identificação de cada um deles. De fato, este estudo motivou uma aplicação posterior da teoria pós-colonial em outros contos produzidos pelo autor no intuito de definir se tais ideias são frequentes no desenvolvimento destas narrativas, o que pode ser possível em vista do panorama colonial instituído pelo imperialismo britânico na Irlanda.

Referências

ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen. *Post-colonial studies: The key concepts*. London: Routledge, 2007.

ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen. Part XII: Place: Introduction. In: ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen (ed). *The post-colonial studies reader*. London: Routledge, 1995. p. 391-393.

BONNICI, Thomas. *O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura*. Maringá: Eduem, 2000.

BONNICI, Thomas. *Conceitos-chave da teoria pós-colonial*. Maringá: Eduem, 2005.

BRUIT, Héctor Hernan. *O imperialismo*. 2. ed. São Paulo: Atual, 1987.

COUTINHO, Eduardo de Faria. Apresentação. In: COUTINHO, Eduardo de Faria (Org.). *O bazar global e o clube dos cavalheiros ingleses: textos seletos de Homi Bhabha*. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2012. p. 5-7.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOPKINS, Lisa. *Bram Stoker: A literary life*. London: Palgrave Macmillan, 2007.

JOHNSON, Robert. *British imperialism*. London: Palgrave Macmillan, 2007.

MBEMBE, Achille. *On the postcolony*. Berkeley: University of California Press, 2001.

NAGY, John Allan. *Dr. Benjamin Church, Spy: A case of espionage on the eve of the American Revolution*. USA: Westholme Publishing, 2013.

RICHARDS, David. Framing Identities. In: CHEW, Shirley; RICHARDS, David (Ed.). *A Concise companion to postcolonial literature*. USA: Wiley-Blackwell, 2010. p. 9-28.

STOKER, Bram. *Drácula*. Tradução e notas de Doris Goettems. Edição bilíngue: Português/Inglês. São Paulo: Editora Landmark, 2017.

STOKER, Bram. A casa do juiz. In: STOKER, Bram. *Contos estranhos*. Tradução de Alexandre Barbosa de Souza. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018. p. 25-49.

WORMALD, Jenny. Introduction. In: WORMALD, Jenny. *Scotland: a history*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

Recebido em: 10/01/2025

Aceito em: 16/04/2025